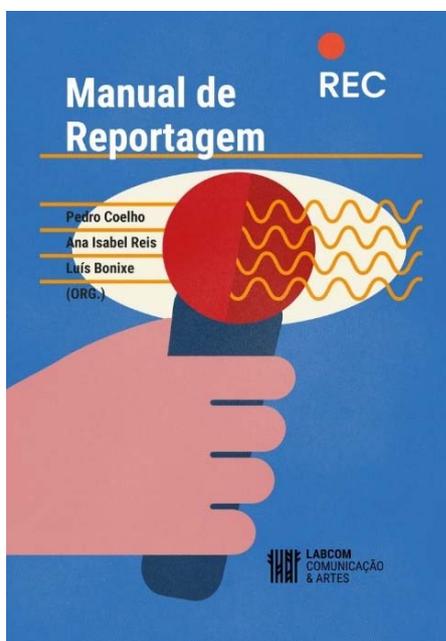


Resenha

**Coelho, P.; Reis, A. I.; Bonixe, L. (org) (2021) *Manual de Reportagem*.
Covilhã: LABCOM**

Alexandre Lambuzana
Raquel Marvão



O livro *Manual de Reportagem* faz parte da coleção “Livros de Comunicação” e foi publicado em 2021. Conta com mais de uma dezena de artigos de vários autores desde jornalistas a investigadores e foi organizado por Pedro Coelho, Ana Isabel Reis e Luís Bonixe. A ideia do livro surgiu no âmbito do projeto intitulado REC (Repórteres em Construção). Este projeto teve início em janeiro de 2017, no 4.º Congresso dos Jornalistas Portugueses, onde foi formada uma redação multiplataforma (constituída por estudantes e professores de Jornalismo de todo o país) para cobrir os quatro dias do evento. O evento foi marcante e resultou no projeto REC.

A obra tem na sua totalidade 364 páginas. Pretende refletir sobre a reportagem como temática essencial para o jornalismo e está dividida em três partes. A primeira parte, intitulada “A

Reportagem: o género nobre”, procura realizar uma ampla reflexão sobre o tema. No entanto, como sublinha Ana Isabel Reis (2021), “mais do que compilar estudos académicos ou fazer o estado da arte, o que se procura é dar lugar ao debate e à reflexão, trazer pontos de vista sobre a história, a narrativa, a ética e de como tudo isto se cruza no ensino da reportagem nos cursos de ciências de comunicação e jornalismo” (p.31).

Entre os artigos que configuram a primeira parte do livro (“Genealogia da Reportagem”, de Jacinto Godinho; “A Reportagem e o Jornalismo Literário”, de Isabel Soares; “Investigar o sensível”, de Carla Batista e “O ensino da reportagem em Portugal e no Brasil”, da autoria de Sandra Martinho, Pedro Coelho e Lourival Galvão Júnior), sublinhamos as reflexões que Carla Batista desenvolveu no seu artigo “Investigar o sensível”. A autora começa por destacar que necessitamos de um jornalismo cosmopolita. Ou seja, vivemos num mundo globalizado e digital, onde a informação circula com uma grande velocidade. No entanto, há várias formas de “fazer jornalismo”: há até quem use o jornalismo como meio de ativismo.

De facto, as várias práticas jornalísticas ao redor do mundo deixam-nos um desafio:

A complexidade da experiência humana moderna, sujeita à pressão de compreender e responder a desafios globais (políticos, migratórios, ambientais, tecnológicos) obriga a repensar e a expandir os princípios fundadores das formulações ideológicas que orientaram a conduta dos jornalistas no passado. (Baptista, 2021, p. 78).

Ou seja, devemos repensar as nossas condutas para praticar um jornalismo voltado para o século XXI.

O artigo sublinha a questão daquilo que é eticamente correto ou incorreto no exercício da profissão de jornalista, o que nos faz repensar as práticas que utilizamos, isto devido aos vários códigos éticos e deontológicos existentes e também devido àquilo que é experienciado pelos jornalistas ao redor do mundo. O choque cultural e civilizacional por vezes não é posto em causa; daí a autora referir que é necessária a existência de um jornalismo cosmopolita, ou seja, um jornalismo internacional que chegue a todos os países e que promova uma sociedade mais democrática, algo que não acontece por exemplo nos países africanos, de leste, asiáticos e até mesmo em certos países da América do Sul.

A autora relaciona também o jornalismo com o poder político. Enquanto “quarto poder”, o jornalismo tem o dever de manter os cidadãos não só informados, como também formados, ou seja, deve transmitir apenas as informações de modo a que os cidadãos possam formar opiniões próprias e, na política, o cenário não muda, pois os cidadãos devem ter em conta aqueles por quem são governados de modo que possam usufruir das práticas democráticas e impor os seus direitos, não seguindo os caminhos de um estado autoritário e opressor.

Com este artigo, Carla Batista procurou sobretudo “levantar” pistas para uma reflexão ética no que toca às transformações do jornalismo e da sociedade, uma vez que o primeiro é um dos pilares do segundo.

Oportuno será ainda assinalar a seguinte frase: “O pensamento ético jornalístico produz um discurso que legitima a tomada de decisões em contexto profissional” (Batista, 2021, p.92). A ética depende também da nossa consciência e daquilo que é considerado certo ou errado no exercer da profissão, mas como todos nós temos opiniões divergentes, é necessária a existência de um código comum a todos os jornalistas para que a transmissão de informação seja feita num só sentido: o de informar e manter uma sociedade prática.

Conclui-se, portanto, que, para realizar um “relato do mundo” global (um jornalismo cosmopolita), é necessário que a prática jornalística inclua “respeito moral, reciprocidade igualitária” e “alguma metafísica” (Batista, 2021, p. 92).

A segunda parte do livro, intitulada “A reportagem e a especificidade das plataformas”, conta com quatro artigos que espelham reflexões sobre a imprensa escrita, a rádio e o online. Entre as diversas abordagens, destacamos o artigo “Quando as linguagens se fundem na Reportagem Multimédia”. Corresponde ao capítulo 8 e pretende explorar os crescentes avanços que se têm observado na área do jornalismo e, mais especificamente, na Reportagem Multimédia, destacando-se as diversas

potencialidades deste novo meio de produzir conteúdo jornalístico bem como as múltiplas ferramentas e os elementos que devem figurar numa reportagem.

A autora Teresa Abecasis (2021) optou por iniciar o texto partindo de uma questão para reflexão: “O que é uma reportagem multimédia?”. Entre os vários caminhos apontados, Abecasis recorda que: “O mundo do multimédia abarca um vasto leque de ferramentas e não implica necessariamente um investimento avultado. No entanto, como qualquer reportagem, necessita de pensamento próprio, planeamento e tempo” (p.189). Nesta perspetiva, a autora conclui que “uma tendência é clara: o jornalismo será cada vez mais visual. (p.121)

Após apresentar alguns exemplos do que seriam boas práticas multimédias, Abecasis (2021) aponta três ideias-chave:

O multimédia permite juntar vários elementos diferentes - textos, fotografias, vídeos, infografias, mapas, etc. - mas não precisa de todos: cada elemento deve ter uma intenção própria e acrescentar valor informativo; - Não há uma fórmula universal para as reportagens multimédia. Ela é definida em função da história que queremos contar, dos jornalistas que a vão trabalhar e dos meios disponíveis; - O pensamento multimédia começa na redação, ainda antes de sairmos para o terreno. Se partirmos com uma ideia do formato com que queremos construir a reportagem, isso facilita a captação dos elementos necessários para o fazer. (2021, p.203)

Página | 86

O *Manual de Reportagem* na sua terceira parte oferece ao leitor visões pessoais e relatos de jornalistas. De facto, são “quase três dezenas de vozes inquietas que aqui reunimos [...] contam-nos histórias limite, revelam-nos dilemas éticos, expõem-se a eles e ao método que usam para relatarmos, “com todos os sentidos”, a realidade que observam” (Coelho, 2021, p. 209).

Em síntese, o *Manual de Reportagem* é uma obra que contribui para alargar a reflexão sobre este género nobre do jornalismo e que alberga uma vasta coletânea de artigos que proporcionam um questionamento sobre as práticas jornalísticas atuais.

Notas sobre os autores:

Alexandre Lambuzana

alexandre.lambuzana7@gmail.com

É aluno do Mestrado Média e Sociedade na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre.

Raquel Marvão

raquel.marvao@gmail.com

É aluna do Mestrado Média e Sociedade na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre.